

## **ALGUMAS NOTAS, REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES ACERCA DE ESTRATÉGIAS, ATITUDES E VALORES ADOTADOS DURANTE O ESTÁGIO**

### **DOMÍNIO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS**

Neste tópico, tive oportunidade de operacionalizar o conhecimento previamente adquirido com o **Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória**, as **Aprendizagens Essenciais de Geografia A** e, claro, o **Programa de Geografia A**, que devem ser lidos e trabalhados transversalmente.

Este conhecimento foi obtido pela experiência na produção de diversos manuais escolares e livros auxiliares dos 10.º e 11.º anos (Geografia A), ao longo dos 18 anos em que fui coordenador editorial na área escolar de Geografia.

Embora as **Aprendizagens** (2018) e o **Perfil** (2017) sejam mais recentes do que o **Programa** (2001), complementam e atualizam-no, embora nem sempre isso suceda na prática.

Por isso, o Professor de Geografia A tem de estar particularmente atento.

Com essas questões curriculares ou decisões políticas, como a Proposta de Alargamento da “Plataforma Continental”, apresentada à ONU.

As aspas não foram colocadas por acaso, pois essa “Plataforma Continental” nada tem a ver com o verdadeiro conceito de Plataforma Continental, relativo a limites geológicos do relevo submarino próximo da costa, mas antes com interesses económicos e de soberania sobre as águas territoriais.

Este é mais um exemplo do “terreno armadilhado” com que o Professor de Geografia tem de lidar na leção das múltiplas matérias curriculares.

O bom senso e a salvaguarda do interesse dos nossos alunos, sobretudo os que vão realizar o **Exame Final Nacional** no termo do 11.º ano, levam a que sejam MESMO todos os conteúdos curriculares, incluindo as matérias, tópicos ou conceitos que considero obsoletos como “CBD”, “baixa” (no Porto), “Polis” ou “programas da PAC que já não estão em vigor”.

Tal implica que tudo deve ser muito bem explicado e contextualizado aos nossos alunos.

Criei e utilizei, sempre que possível, **recursos próprios** e com **Estudos de Caso**, na maior parte relativos à **cidade do Porto**, que disponibilizei aos alunos num micro *site*.

### **EXECUÇÃO DA AULA**

Procurei incorporar todas as indicações e sugestões que fui recebendo ao longo do ano letivo.

A situação pandémica e a pouca motivação/participação dos alunos obrigaram-me a procurar diversas soluções diferenciadas de comunicação, no sentido de envolver os alunos na dinâmica de cada aula.

As saídas de campo, com roupas de época ou a “ida à praia” a propósito dos Recursos Hídricos e dos Recursos Marítimos, foram disso exemplo.

A reação dos colegas e dos alunos foi muito gratificante e encorajadora para continuar a aprimorar e a surpreender com este tipo de estratégia de comunicação interativa nas aulas.

### **GESTÃO DAS SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM**

Procurei tirar o melhor partido das contribuições que fui recebendo das aulas que lecionei, tanto da Professora Licínia, como da Professora Elsa, do Sérgio e de alguns alunos que manifestaram particular agrado em algumas das aulas.

Procurei adequar os conteúdos principais a domínios ou possíveis áreas de interesse dos alunos, como sucedeu com a utilização do *Surf* para abordar conteúdos relativos aos Recursos Hídricos e Marítimos numa ida à praia por via remota, atendendo à situação pandémica.

A pouca participação da generalidade dos alunos não ajudou a tirar o melhor partido de algumas estratégias ou a aferir o seu aproveitamento pedagógico em todas as aulas, tanto nas aulas via **Zoom** como nas aulas presenciais, o que me desafiou a procurar estratégias alternativas.

## MATERIAL DIDÁTICO

Os Manuais escolares e os Cadernos de Atividade adotados pela Escola, apresentaram-se muito desatualizados, sobretudo ao nível dos dados estatísticos, o que, como é natural, despertou a minha curiosidade face à minha anterior experiência profissional. Os Manuais escolares em vigor foram adotados em 2013 (10.º ano) e 2014 (11.º ano), estando em curso um novo ciclo de adoção (para o 10.º ano, em 2021), pelo que o período máximo de duração, estipulado em seis anos, foi ultrapassado por decisão governamental que, de tanto querer fazer e mostrar, nomeadamente com a inenarrável política de reutilização de manuais, acabou por fazer contas e adiar, por duas vezes, os ciclos de adoção, tanto no Ensino Básico como Secundário, que sucederam em 2017 e em 2018, o que motivou a extinção de muitos postos de trabalho em diversas editoras escolares, como foi o meu caso.

Do leque de decisões governamentais, tomadas sem reflexão e guiadas pois ideais francamente perversos, acerca dos Manuais escolares, merecem destaque os seguintes “mimos”:

- . os alunos tinham de devolver os manuais no final do ano letivo, ficando sem condições de consultar matérias durante o Ciclo de Ensino que, em diversos casos, pode ser objeto de avaliação externa (Exames Finais Nacionais ou Provas de Aferição), sem esquecer matérias que podem não ser lecionadas na totalidade no correspondente ano curricular e, por isso, ainda serem utilizadas no ano letivo seguinte;

- . os manuais não podiam ser escritos, o que inviabiliza atividades letivas fundamentais, como ortografia, escrita e cálculos elementares, desde logo no 1.º Ciclo, o que acabou por ser alterado;

- . no caso da Geografia, atividades fundamentais como a construção de perfis topográficos ou os diversos tipos de gráficos, fundamentais para a compreensão e leitura dos mesmos, só será possível com materiais e atividades extra Manuais escolares;

- . este tipo de política demagógica só veio acentuar as desigualdades entre os alunos, com quem pode comprar e guardar livros novos, ou quem recebe livros usados durante 10 meses e não os volta a consultar e a poder utilizar;

- . o Ministério da Educação utilizou os Manuais escolares como arma de arremesso ideológico, no sentido de desviar atenções, criar poeira e nada resolver de verdadeiramente importante para o Ensino, não se coibindo de ter duas editoras de livros auxiliares, que competem entre si: a Editorial do Ministério da Educação e o IAVE (Instituto de Avaliação Educativa), que editam em paralelo com as editoras, livros de preparação para os Exames Finais Nacionais...

No caso do Manual escolar (e o Caderno de Atividades) do 10.º ano, adotados na António Nobre (da Areal), considero que é particularmente fraco, na organização da informação, na adequação aos alunos e nos exemplos de situações apresentadas, opinião partilhada pela Professora Licínia.

Assim, face a dados publicados com cerca de seis-oito anos, optei, sempre que possível, por construir os meus recursos, entre apresentações em **PowerPoint** que contemplaram todos os temas, embora não todos os subtemas, com muita pena minha, por manifesta falta de tempo e oportunidade.

Todos os recursos que produzi ou encontrei que pudessem ser úteis e originais para as aulas e o **Estudo de Caso**, foram disponibilizados para os alunos num único **micro site**, por forma a reunir tudo no mesmo local, sem um emaranhado de *link* ou *mails*.

De facto, a diminuição do número de aulas, penalizou as oportunidades de lecionar as minhas aulas, bem como dos meus colegas Estagiários e das duas Orientadoras Cooperantes.

Para além disso, foram também concebidos inquéritos, fichas diagnósticas ou anexos com dados, em papel e digitais, mas também outras ferramentas digitais, como um Quiz no **Socrative** ou conteúdos num **StoryMaps** sobre Bonfim-Campanhã.

No início do ano letivo, estava a preparar uma estratégia de recolha, para oferta a cada aluno, de jornais de distribuição gratuita ao longo do ano, no sentido de fomentar hábitos de leitura e confronto de fontes de informação, a propósito de notícias com interesse para a disciplina de Geografia A. Ainda foram distribuídos dois números durante o 1.º Período, até que a distribuição do jornal *Destak* foi suspensa nas estações de metro do Porto, por alturas de novembro de 2020.

## **GESTÃO DO TEMPO LETIVO**

A avaliação que atribuí neste ponto, resulta da penalizadora situação verificada com o horário semanal (seis tempos de 50 minutos) durante o período de confinamento, em que as aulas dadas "em direto" ficaram reduzidas a apenas um terço (dois tempos), penalizando tanto os alunos como os professores, nomeadamente os estagiários, apesar dos protestos da nossa Orientadora Cooperante nos respetivos Conselhos de Turma. O mais paradoxal, é que durante o primeiro confinamento (2020), as aulas "em direto" via **Zoom** corresponderam a 66% do tempo letivo semanal, o que, mesmo assim, me parece insuficiente, tendo em conta que são alunos de Ensino Secundário, que poderão realizar o **Exame Final Nacional** da disciplina no final do 11.º ano. Por outro lado, há um protocolo da **Escola António Nobre** com a **FLUP**, para a realização de **Estágios Pedagógicos** que, deste modo, foram fortemente prejudicados durante este segundo confinamento (2021).

## **CONTROLO DA SALA DE AULA**

A situação pandémica criou várias restrições dentro da sala de aula, a começar pela impossibilidade ou grande dificuldade em realizar saídas de campo ou trabalhos de grupo, tão importantes em Geografia.

Felizmente, foi possível ultrapassar essa situação, realizando duas **saídas de campo** virtuais, inscritas no **Plano Anual de Atividades**.

Em relação aos trabalhos, a opção foi jogar pelo seguro, solicitando apenas trabalhos individuais, embora consciente que o trabalho cooperativo seria uma melhor opção, com grupos de alunos, num máximo de três elementos, que pudessem aplicar conhecimentos, práticas e estratégias colaborativas.

Uma outra situação que dificultou o nosso trabalho, foi termos a Escola a aceitar novos alunos com o ano já muito avançado, tanto no 10.º como no 11.º ano, sobretudo com alunos estrangeiros, o que acarreta sérias dificuldades no acompanhamento da matéria e na sua melhor integração, dado que:

- . o ano já tinha sido iniciado há vários meses, havendo, desde logo, muita matéria já lecionada (Como recuperar o tempo com estes alunos?);
- . no caso dos que entram diretamente no 11.º ano, é ainda mais grave, pois é necessário ter conhecimento das matérias do 10.º ano, dado esta ser uma disciplina bial, que tem os cinco temas e o módulo inicial interrelacionados, como é timbre na Geografia;
- . sendo alunos estrangeiros, a dificuldade e a capacidade de abstração, conhecimento e inter-relacionamento de matérias vai ser, ainda mais, dificultada, dado que a Geografia A é uma disciplina relativa à **Geografia de Portugal**.

Num outro contexto, sempre que um aluno deu um contributo válido, ainda que não totalmente certo, mereceu um reforço positivo da minha parte, no sentido de que volte a participar ou a perguntar numa próxima ocasião.

Incentivar os alunos a colocarem as suas questões é muito importante, por forma a reforçar os laços de confiança que têm de existir entre os alunos e o professor e para que este possa prosseguir com a abordagem a novas matérias.

## **DESENVOLVIMENTO DE SABERES & COMPETÊNCIAS DOS ALUNOS**

A utilização de reforços positivos com os alunos é extraordinariamente importante, ao longo do seu percurso educativo.

Os nossos adolescentes vivem um contexto já se si povoado de incertezas, dúvidas e inseguranças característicos da fase de desenvolvimento físico e psíquico que vivem.

Para além disso, nasceram e cresceram entre duas graves crises, económicas e sociais, cujas consequências se farão repercutir por décadas, a vários níveis.

Em simultâneo, uma outra crise afeta a Família, pilar essencial em qualquer sociedade, marcada por uma das maiores quebras de natalidade e aumento do envelhecimento a nível mundial, sem esquecer questões complexas a nível migratório (emigração e imigração), novo aumento do desemprego e de uma elevadíssima taxa de divórcios.

A tudo isto terá de o Professor estar atento, motivando não só quem acertar numa resposta, mas, também, quem tenta responder, mesmo que não acertando na totalidade, no sentido de ultrapassar inibições que, se não forem detetadas e corrigidas nesta fase da adolescência (ou antes, preferencialmente), poderão criar graves entraves aos nossos futuros adultos.

O Professor deverá conhecer bem os seus alunos, por forma a tirar partido do melhor que cada um consiga compreender ou aplicar, com as suas maiores ou menores limitações ou horizontes.

Preparar os nossos alunos no sentido de articularem e interrelacionarem matérias de diferentes domínios do saber, por forma a saberem utilizá-las de uma forma prática na sua vida futura.

A Escola é, também, uma oportunidade única na vida de cada um, ao nível da sociabilização, interação e autonomia, desempenhando a disciplina de Geografia um papel ímpar, pela ligação de aprendizagens e saberes diferenciados, dentro e fora dos currículos oficiais.

## **BALANÇO**

A experiência e a oportunidade de ter trabalhado com a Professora Licinia e as suas turmas, numa Escola TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), em contexto de pandemia, que implicou menos aulas, muitas dadas à distância, foi muito gratificante e enriquecedora, mesmo tendo já tido experiência letiva durante quatro anos, para além de 18 anos no acompanhamento dos currículos de Geografia, produção de conteúdos em diferentes suportes (papel e virtual).

Para além disso, procedi a visitas a Escolas e reuni com Professores de Geografia de todo o país, para além de contatos com meus antigos colegas de curso, Professores, de forma regular.

Em outras circunstâncias, estou certo que teria sido possível, e profícuo para todos, que pudesse ter havido mais partilha de dados e experiências dentro do Grupo de Estágio (a três), com o outro Grupo de Estágio da António Nobre (a oito) e, até, possivelmente, com o Núcleo de Estágio da Eugénio de Andrade, Escola localizada muito próximo da nossa, embora pertencente a um outro agrupamento.

No grupo do Facebook, tive oportunidade de partilhar informações e atividades que considero importantes com todos os colegas do MEG, incluindo até do 1.º ano, mas o alcance, a recetividade ou a réplica nem sempre se verificaram.

Por outro lado, tendo em conta a situação pandémica que vivemos, pude constatar que os critérios de segurança com o Covid-19 foram muito diversificados em cada Escola, tendo em janeiro, antes do segundo confinamento, sido verificado na Escola António Nobre que:

- . à entrada, não se media a temperatura;
- . não se fizeram testagens;
- . os estagiários não tiveram direito a máscara;
- . muitas das janelas das salas se encontravam fechadas.

Tive oportunidade de consultar, formal e informalmente vários colegas, sites e blogues sobre estas e outras matérias.

Com a generalização e implementação da vacinação aos professores e funcionários dos Ensinos Básico e Secundário, os estagiários não foram contemplados, tal como todo o universo do Ensino Superior.

No entanto, fruto da decisiva intervenção das Orientadoras Cooperantes, os estagiários da António Nobre integraram o plano de vacinação poucas semanas depois de iniciado.

A situação pandémica, mais do que servir para lamentos e desculpas para o que quer que seja, deve antes ser entendida como uma oportunidade única nas nossas vidas, para crescermos, para sermos ainda mais criativos, exigentes, resilientes e ambiciosos.

Depois de ultrapassarmos um período crítico como este que ainda vivemos, estaremos, por certo, prontos para qualquer desafio!

Venha o próximo!

**MIGUEL COELHO**